3 1761 06679538 6

BRIEF

PQD

0003353

Scena Antiga.

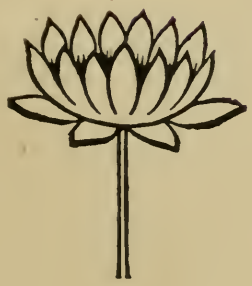
Edição da commissão executiva das "FESTAS DO ENTERRO DO GRAU" — em 1905.

SCENA ANTIGA

CARLOS AMARO

o o o

SCENA ANTIGA



[Coimbra]

EDIÇÃO DA COMMISSÃO EXECUTIVA
das
"FESTAS DO ENTERRO DO GRAU"

1905

Brief
PQD
000 3353

Aos bons companheiros
que se prestaram ao desempenho
deste poemeto sem valor:

Representando o trabalho de poucas horas, não podem ter esses pobres versos a mais leve pretensão artistica; pensei ao escrevel-os que um breve sorriso porventura seria o maximo triumpho a que podiam aspirar. Após uma nova leitura, até dessa gloria me vejo forçado a abdicar, na certeza de que só a vossa alegria e a vossa intelligencia conseguirão dar-lhes todo o brilho que lhes falta e os applausos que não merecem.

Por isso permittam vocês, meus amigos, que vol-os offereça muito cordealmente

O vosso

Carlos Amaro.

PQD
0083353

PERSONAGENS

Lyra . . . . . Antonio Mexia
Poeta . . . . . Carlos Amaro
2.º Estudante . . . . . Justino Cruz
3.º Estudante . . . . . Carmo Braga
4.º Estudante . . . . . Fradique Beja
Maria *(tricaninha de 16 annos)* . . . . . Mario Henriques da Silva
Tia Joanna *(taberneira)*. Luiz Carlos
Estudantes e tricanas: Luiz d'Athayde, Augusto Paes de Villas Bôas, Gomes Moreira, Alberto Noronha, Oliveira e Castro, Manoel Frota, Ferreira Rosado, Alvaro Lucas, Motta Alves, José Ferreira Sacras, Diamantino Callixto.

A acção passa-se junto ao convento de Santa Clara,

Contra-Regra — Manoel José Coelho

Scenographo — Eduardo Bello Ferraz.

A scena representa um velho trecho da cidade.

A' esquerda uma porta de taberna enflorada por um tronco de parreira. Junto, uma mesa tosca. A' direita o velho muro dum convento. A lampada dum nicho. Ao fundo e distante um pedaço de cidade.

E' noite.

Scena Primeira

O POETA e MARIA

POETA *(entrando)*

Dá-me vinho.

MARIA

E que mais?

POETA

Dá-me tambem um beijo.

Sorris... achas talvês extranho o meu desejo
E dizes lá comtigo: asneiras dum borracho!
Pois olha, fazes mal — se me vês como um cacho,
Não é de vinho, crê; se o estou, juro por Deus,
E' bebado de luz, da luz dos olhos teus.

MARIA

Diga o que deseja e tenha mais juizo.
Temos hoje lampreia...

POETA

A graça dum sorriso
Nessa bocca vermelha a palpitar de leve;
O teu pescoço branco, os teus braços de neve.

MARIA

Por Deus diga o que quer. Senhor não seja tolo.
Ha hoje peixe frito...

POETA

A curva do teu colo,
Que a clara mão dum Deus por certo ha desenhado.

MARIA

Temos ovos tambem, chouriço, lombo assado...

POETA

Deus meu, que horror! Não ha paixão que te resista;
Em vez de coração, mulher, tens uma lista.
Traze-me o vinho já.

MARIA

Mais nada?

POETA

Não, mais nada;

(MARIA *enche a caneca de vinho*).

POETA

Prefiro-te a caneca, ao menos é calada.

(Fica encostado á mão, triste, e recita:)

Não doira o sol a minha vida inquieta,
E pela noite silenciosa e funda
Nem sei que immensa dôr assim inunda
Minha tristissima alma de poeta.

E vou-me pela treva anciosamente
A ouvir com terror os proprios passos,
Erguendo para os ceus os magros braços
Numa prece d'amôr, inutilmente.

Como os cegos errantes nas florestas,
Ouvindo ao longe a musica das festas,
Buscam em vão o piso das estradas,

Agitam-se na sombra, supplicantes,
Minhas pallidas mãos de ti distantes,
As minhas mãos nervosas e geladas.

(Começam fóra da scena a ouvir-se rumores de lucta. Um futrica foge gritando: «Vá pagar a quem deve».)

Scena Segunda

TIA JOANNA *(saindo da taberna)*

Soccorro, aqui d'el-rei, Rainha Santa, soccorro!

MARIA

O que foi, o que foi?...

TIA JOANNA

Matam o Lyra

MARIA *(meio desmaiada)*

Eu morro!

POETA

Tia Joanna, o que é?

TIA JOANNA

Futricas e soldados
Com estudantes em guerra.

POETA

Irão ser rechaçados
Por meu heroico braço! Aonde a minha espada?
Joanna, a minha espada?

TIA JOANNA

Alma desgraçada,
Eu nunca vi tal coisa. Onde vai o senhor?

POETA *(que se tem erguido, com uma viola na mão)*

Luctar, vou-me a bater, bater-me em ré maior!

TIA JOANNA *(segurando-o pela capa)*

Pode morrer, não vá, peço-lhe pelo ceu.

POETA

Deixe o manto mulher. — Camões tambem morreu!

(Recrudesce a lucta. Entram varias figuras que assistem, gritando, á scena que se passa fóra.)

Scena Terceira

O POETA *(volta com a cabeça e o violão partidos, recitando alto:)*

. . . . . .

« . . . . . canto o peito illustre lusitano
« A quem Neptuno e Marte obedeceram.
« Cesse tudo que a antiga Musa canta
« Que outro valor mais alto se alevanta ».

MARIA

E quem foi que venceu?

TIA JOANNA *(ao poeta)*

Como elle tem a testa!

POETA

Quem foi? Eu só com meus vassallos

(mostrando a viola)

e com esta!

TIA JOANNA

Partido o violão!

ESTUDANTE *(apontando a cabeça do* POETA*)*

E a caixa dos sonetos!

POETA

Mais tarde cicatriz que hei-de mostrar aos netos.

(Faz-se um grupo em torno do POETA*, tratando-lhe o ferimento.)*

LYRA

Que bella foi a lucta e como isto distrai!
Luctar a rir: um avança, outro cai;

Um rapido sarilho e fóra do combate,
Mais dois ou três herois... ah! brigão que se bate
Com pulso e coração tem graça e tem bellesa!

Fogem para bem longe as sombras da tristesa...

— Rostos brancos, em fogo o olhar, punhos erguidos
Avançam para nós — vê-los tombar vencidos
E rir para os que ficam a bater-se ainda,
Incontestavelmente, é uma coisa linda!

SEGUNDO ESTUDANTE

Pois sim, mas provocar...

LYRA

Que importa, foi preciso...
Ha muito para mim morreu a flôr do riso;
Só na lucta estou bem; entre mócas e espadas
Voltam-me á bocca a rir as mórtas gargalhadas.

SEGUNDO ESTUDANTE

E porque és triste assim? Não tem razão de sêr
A vida abandonar aos pés duma mulher.
És tolo...

LYRA

Que me importa a mim o seu amôr,
A graça do seu colo, a musica do andar;
Que ao vê-la o coração me pare de terror
Ante o seu corpo fino e a luz do seu olhar?

Que importa que ella vá serena e perturbante
E ame despertar as fortes sensações,
Sem demorar nos meus seus olhos um instante,
Quando param ao vê-la as rudes multidões?
— Que eu me sinta morrer cheio d'angustia e dôr,
Que importa, dizes bem, que importa o seu amôr!

Dizes bem, dizes bem, não tem rasão de sêr
A vida abandonar aos pés duma mulher!

SEGUNDO ESTUDANTE

Amigo: queres tu ouvir um bom conselho?
Eu disto sei um pouco e conheci um velho
Que fôra, no seu tempo, audaz conquistador
E muita vez dizia: em batalhas d'amôr
Ha-de sempre vencer quem fôr mais atrevido...

LYRA

Eu tremo só de vêr-lhe a orla do vestido.

SEGUNDO ESTUDANTE

Assim não fazes nada: eu tenho já notado
Que é certo, á meia noite, o vê-la na janella,
Não sei se a namorar a luz d'alguma estrella
Ou escutando ao luar a voz dos rouxinois.

LYRA

Tambem já reparei, mas depois... e depois?

SEGUNDO ESTUDANTE

Depois? tratas d'encher a alma de coragem;
Vergonha, timidês, terrôr lanças á margem
E vais como quem vai contra mil futricas.
Escolhes com talento as expressões mais ricas,
Ardente o gesto e largo e em phrases eloquentes
Dizes-lhe...

LYRA

Mas o quê?

ESTUDANTE

Palerma, quanto sentes!

TERCEIRO ESTUDANTE *(junto do* POETA*)*

Tragam-me um lenço já.

POETA

E vinho!

TIA JOANNA *(tirando do seio o lenço vermelho com que o 3.º estudante envolve a cabeça do* POETA*)*

Meu senhor,

Prompto.

POETA

Repara bem por Deus, sabio douctor,

Que entregue ás tuas mãos, rachado, e sem defesa,
Todo o futuro está da arte portuguesa.

SEGUNDO ESTUDANTE *(ao* LYRA*)*

Espera pois aqui a meia noite e logo
Partirás á ventura; o seu olhar de fogo
Não temas — alma sempre heroica e decidida.

LYRA

Irei jogar de vez inteira a minha vida;
Mas é preciso.

SEGUNDO ESTUDANTE

Irás?

LYRA

A' meia noite.

SEGUNDO ESTUDANTE

Bello,
O resultado vens depois aqui dizê-lo.

TERCEIRO ESTUDANTE *(ao* POETA*)*

A ferida não tem, descança, mau aspecto.

POETA

E viste se fugiu p'la fenda algum soneto?

TERCEIRO ESTUDANTE

Eu não, não dei por tal.

POETA

Ah! bem, quanto me animas!
E' que oiço cá por dentro um tilintar de rimas
E uns zumbidos tais...

TERCEIRO ESTUDANTE

E' verso que anda solto,
Com mêdo da pancada, e põe-te assim revôlto
O cerebro. Mas logo, em lhe passando o susto,
Volta p'ra o seu logar.

POETA

Amigo, sois injusto!
Por mêdo, nunca! Algum temi que, na verdade,
Fugisse — por modestia, — á Immortalidade

QUARTO ESTUDANTE

E a ceia, Joanninha?

TIA JOANNA

'Inda, meu senhor,
Demora um pouco.

QUARTO ESTUDANTE

Entendo pois melhor
Façamos ao luar desta noite de gloria

A marcha triumphal e heroica da victoria,
A vêr como se dansa ahi nessas fogueiras

AS TRICANAS

E nós, e nós?

QUARTO ESTUDANTE

Ireis, oh dôces companheiras,
Para suavisar nuns toques de ternura
Da face dos herois a féra catadura.

VOZES D'ESTUDANTES E TRICANAS

Muito bem, muito bem, optimo, bem lembrado;
O meu braço, o teu braço,
Oh, meu bem amado!

(Saem braço dado, cantando.)

Scena Quarta

POETA

Que alegre S. João, que noite de prazer!
Assim me fico eu só, zarolho e sem mulher.

(Senta-se, triste, á mesa.)

MARIA *(para o* LYRA*)*

Porque anda, meu senhor, mettido em tanta briga?
Pode morrer um dia...

LYRA

Oh! graças, rapariga,
Por tanta compaixão. — Terias tu chorado
Se me visses tombar, na rua, ensanguentado,
Quando ha bem pouco, alem, á morte me arriscava?
Terias?

MARIA

Pois então...

LYRA *(áparte)*

A outra, não chorava.

MARIA

Olhe que tem mau fim, se teima e continua.

O LYRA *(sorrindo)*

Sobre a campa terei uma lagrima tua.

MARIA

Uma lagrima só, não! muitas.

LYRA

Mas saber
Que hão-de chorar por mim uns olhos de mulher,

E demais, quando são formosos como os teus,
Torna-me tão feliz, que vou pedir a Deus
Me mande uma batalha enorme em cada dia:
Se morresse por ti, alegre morreria.

MARIA

Por mim morrer, por mim! Não brinque, meu senhor.

LYRA

Morrer é sempre bom — a vida, oh! meu amôr,
Quando o suave olhar que o nosso olhar procura
Nem reparou sequer na longa desventura
Que o nosso peito alaga, e vêr indifferente
A tudo quanto soffre, a tudo quanto sente
O nosso coração, aquella a quem se adora,
A vida então, oh flôr! a vida em cada hora
E' um supplicio lento — e é bem melhor morrer.

MARIA *(soluçante)*

Meu Deus! e quem será, senhor, essa mulher
Que o pode não amar? como se chama? diga...

LYRA *(áparte)*

Por mim apaixonada a pobre rapariga
Sem que eu désse por tal. — Serei galanteador.

MARIA

Quem é?

LYRA

Quem, senão tu, meu dôce e lindo amôr,
Creança encantadora — ah! minha pobre louca,
Junta num beijo á minha a tua fresca bocca
E ouvirás do amor a limpida harmonia,
Tão vasta como o ceu, tão clara como o dia.
Querida, um beijo só...

MARIA

Meu senhor, isso não.

LYRA

E' sentir a luz do sol a arder no coração.

MARIA *(numa fingida recusa)*

Senhor, que podem vêr, por Deus, esteja quieto.

POETA *(áparte)*

E' para mim já velha a lettra do duetto:
Sob os eternos ceus, a mesma eterna scena.

(MARIA *vae junto do* POETA *que se finge adormecido. Bate a meia noite.)*

LYRA *(áparte)*

Meia noite.

(Após um momento de indecisão embuça-se na capa e sae.)

Scena Quinta

O POETA e MARIA

*(*MARIA, *julgando o* POETA *adormecido, volta-se num sorriso para conceder o beijo, quando já o* LYRA *vae desapparecendo ao fundo. O luar, subindo, illumina a sua face triste de abandonada. Ouvem-se as ultimas badaladas da meia noite.)*

POETA

Falhou-te a rima! — Pois, pequena,
Lá por isso não vás entristecer assim;
Se o beijo tens a dar, porque o não dás em mim?
Mas tu choras, perdôa; ah! custa vêr desfeito
O sonho que doirava inteiro o nosso peito,

Sentir no coração morrer a luz da esperança.
Chora mais, tens razão, chora muito, creança!
Assim tambem chorei, assim me aconteceu,
Aquella que eu amei, tambem fugiu — morreu!

Tão pallida, tão simples e franzina,
Na voz, no andar, no seio arfando leve,
Lembrava a graça delicada e fina
Dessas fadas que a lenda nos descreve.

Foi-me na vida como um sonho amigo;
Nas minhas longas horas tenebrosas
Eu ia, como um pallido mendigo,
Buscar a benção de suas mãos piedosas.

Onde encontrar, Senhor, consolação
Se é longe o seu olhar, sua fronte calma?
Se ella morreu, aonde o coração
Que saiba ouvir as magoas da minh'alma?!

— Tão pallida, tão simples e franzina
Na voz, no andar, no seio arfando leve,
Lembrava a graça delicada e fina
Dessas fadas que a lenda nos descreve.

Scena Sexta

Os mesmos e o grupo d'estudantes e tricanas, que voltam das fogueiras cantando

TERCEIRO ESTUDANTE

Poeta, meu amigo, escuta e bem attento:
Felicia, a tua amante — o velho monumento
Vimos dançando, alem, na proxima fogueira;
Calcula que alegria intensa e verdadeira
Ao vêr assim dançar — cincoenta primaveras!
Julguei-me transportar ás mais antigas eras
E tocou-me a poesia austera do passado.

POETA

Mas que me importa, diz, esteja assim fanado
O corpo dessa joia antiga e preciosa?
A minha phantasia espalha os tons de rosa
Na sua velha face e doira-lhe os cabellos.
Quando a mim a abraço eu sonho os corpos bellos
De melodiosa côr e delicadas linhas,
Aperto no meu braço a cinta das rainhas...
— A propria Venus perde a 'sculptural firmesa!
Ás vezes, acontece, é gothica princesa,
Religiosa e exangue, um pallido marfim;
Outras, vou bem mais longe, o meu desejo, emfim,

Em noites de loucura, explendidas de gloria,
Perpassa a galopar 'té aos confins da historia
E em Roma sou — Tarquinio e durmo com Lucrecia;
No reino sou — D. Sancho e rapto D. Mecia,
Ou D. João V e beijo em perfumadas cellas
— Mais freiras, santo Deus, que o ceu conta d'estrellas;
Outras, na China, envolto em sêdas preciosas,
O delicado chá, com suas mãos graciosas,
Me serve dona Flôr em velhas porcellanas:
— Na Hespanha possui — todas *nuestras hermanas!*
— 'Inda hontem, segredo, eu posso-vos dizer
Que veio cear comigo a mais bella mulher
Que meus olhos mortais podiam ter sonhado.
Seu corpo é como um astro e como o sol doirado;
O perturbante olhar, oh ceus, nem se descreve:
Se o visse o Hymalaia, ah, não teria neve
Que toda se fundia a um seu golpe de vista!
Depois, conversa bem... e no amor, que artista!
Dissemos mal d'*Antonio* e foi muito gentil.

TERCEIRO ESTUDANTE

Mas quem, dize, quem é?

POETA

Cleopatra, imbecil!

(Os rapazes riem).

SEGUNDO ESTUDANTE

Tantos sonhos, amigo, em torno duma velha,
E' forte!

PRIMEIRA TRICANA

Elle é poeta...

SEGUNDA TRICANA

E tem immensa telha!

POETA

Quando ia atravessando as *calles* de Sevilha,
Para vêr, sob a renda escura da mantilha,
Os olhos desmaiar das brancas espanholas,
Ardentes como o sol, macias como as rôlas,
— Tenorio em chamaril, affirma toda a gente
Usava uma guitarra... eu, uso uma servente!

Scena Septima

LYRA *(que tem ouvido os ultimos versos)*

Pois eu tenho melhor!

UMA DAS TRICANAS

Olá, seja bem vindo.

OUTRA TRICANA

Bonito, não faltou!

LYRA

E trago um conto lindo!

QUINTO ESTUDANTE

Mas é longo, talvez, e a ceia não demora.

LYRA

E' muito breve a scena, é breve e encantadora.

AS RAPARIGAS TODAS

Conte.

LYRA

Uma aventura exotica a valêr.

(Tudo se prepara para ouvir.)

Era uma vez um moço e amava uma mulher.

PRIMEIRA RAPARIGA

Então o conto é triste!...

O LYRA

E' de fazer chorar;
Mas fallar sem beber, assim não sei fallar.

(MARIA *avança a servir-lhe vinho, muito triste.)*

QUARTO ESTUDANTE *(para a tricana)*

Que tristesa tens! dá-me um abraço, flôr,
Um abraço faz bem...

MARIA

Oh, deixe-me, senhor!

LYRA *(para o estudante)*

Uma palavra só e ficas avisado:
Tal graça repetir dará mau resultado.
A mim me offenderá aquelle que a molestar;
Terás d'hoje por deante, emfim, de a respeitar,
— Se tens empenho em vêr o dia d'amanhã —
Como se fosse...

ESTUDANTE

Quem?

LYRA

Se fosse minha irmã.
— E o que te digo a ti, digo a outro qualquer!

(Depois dum silencio.)

Era uma vez um môço e amava uma mulher.

Era tímido o moço e pallido tremia
Só de vê-la crusar a rua em pleno dia,

Serena, desdenhosa immensamente bella.
Namorava-lhe á noite os vidros da janella
Até rompêr o sol. Andava assim perdido
Trazendo o coração atrás do seu vestido
A palpitar d'amôr e a palpitar de mêdo.

— Esse môço era eu; a mulher... é segredo.

(Varias exclamações.)

LYRA *(continuando)*

Decerto extranho achais.

POETA

Ninguem tal extranhou:
Ama o leão da selva e Hercules amou!

UMA DAS TRICANAS

Mas conte, meu senhor!

LYRA

Ha pouco fiz-me forte
E, assim como quem vai de frente para a morte,
Arrojei-me á aventura e fui fallar-lhe emfim.
O seu suave olhar descia sobre mim
E para ouvir curvou a cabecita loura.
Sorria, — joelhei e disse-lhe: Senhora,
Adoro-a! Não mais sorriu — oh ceus, então,
Sentindo agonisar no peito o coração,

Num claro timbre d'oiro a sua voz ardente
Diz-me: não, vou casar...

UMA RAPARIGA

Mas com quem?!

LYRA

Com um lente!...

UMA RAPARIGA *(desolada)*

Pobre menina, um lente!

TODOS

Um lente!!!

POETA

Desgraçado,
Assim perdeste o amôr e ficas reprovado!

UM ESTUDANTE

E como resolveste o caso miserando?

LYRA

Apenas tal ouvi a capa destraçando,
Saudando o seu olhar, seu corpo, o seu cabello
Que em breve iam morrer na sêda dum capello,
D'alto a baixo, a batina, á pressa abotoei
E disse humilde, assim, como nos manda a lei:
Deinde facite mihi veniam dicendi praeclarissima, sapien-
[*tissima et amantissima,* Senhora!

E aos astros, seus irmãos, que rindo pela altura
Pareciam a troçar-me a exotica figura:
Concioque undequaque florentissima.

(Riem todos.)

UM ESTUDANTE *(tragico)*

Tens um recurso ainda — o suicidio.

UM OUTRO *(solemne, de pé sobre a meza)*

Os mestres voto á morte: — um *claustro-plenicidio!*

TIA JOANNA

A ceia está na mesa.

POETA *(para o* LYRA*)*

Ha bom para esquecer
Um só remedio — vinho.

LYRA

Ha outro bom — bater!

(Os estudantes vão entrando para a taberna.)

Scena Oitava

O LYRA só

(Sentado, melancholicamente, á mesa que está fóra da taberna. De dentro começa a ouvir-se, ao som do fado, uma quadra:)

Dizem que o senhor dos ceus
Amôr nos veio a ensinar;
— E eu só depois de te amar
Aprendi a amar a Deus.

(Durante esta quadra MARIA *vem-se approximando vagarosamente do* LYRA, *que a não vê.)*

LYRA *(como para si)*

Se apanho o mestre a geito, oh Deus, o meu desejo,
Era agarra-lo bem, assim, depois...

(Ao voltar-se num gesto de cholera encontra-se junto de MARIA. *Fitam-se em silencio. Dão-se as mãos.)*

E o beijo?

(O panno vem descendo emquanto se ouve a quadra:)

Dizem que amar é viver
E mesmo morte que fôsse,
Se acaso amar é tão dôce
Quem me dera a mim morrer.

CAE O PANNO.

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

COIMBRA.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

01820459

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 07 03 05 003 5